



○ SENHOR DOS ANÉIS E O MAL – CORRUPÇÃO, VIRTUDES E DEUS

THE LORD OF THE RINGS AND EVIL – CORRUPTION, VIRTUES AND GOD

Diego Klautau

Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

E-mail: dklautau@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo trata da percepção agostiniana sobre o Bem e o Mal em *O senhor dos anéis* de J. R. R. Tolkien. Ao resgatar o pensamento agostiniano, Tolkien cria, ou subcria, um universo literário que é regido pela compreensão de que o Bem é vivido pelas virtudes dadas por Deus, ao mesmo tempo que o Mal é entendido pela corrupção das criaturas em relação a essas mesmas virtudes, desviando-se do caminho proposto por Deus.

PALAVRAS-CHAVE

Agostinho; Tolkien; Literatura; Filosofia; Teologia.

ABSTRACT

This article deals with the augustinian perception of the Good and the Evil in *Lord of The Rings*, of J. R. R. Tolkien. When rescuing the augustinian thought, Tolkien create, or sub-create, a literary universe that is conducted by the understanding of that the Good is lived by the virtues given by God, at the same time where the Evil is understood by the corruption of the creatures in relation to these same virtues, turning aside itself from the way proposed by God.

KEYWORDS

Augustin; Tolkien; Literature; Philosophy; Theology.

1. INTRODUÇÃO

Neste artigo, analisamos a presença do Bem e do Mal em *O senhor dos anéis*. A compreensão da magnitude da obra, escrita entre 1936 e 1949, e publicada na Inglaterra entre 1954-1955, assim como a riqueza de seus personagens e diálogos, suas cenas e descrições, é percebida na análise de como os

conceitos de Agostinho¹, principalmente em sua relação com a modernidade, e a vida de Tolkien² no decorrer do século XX se integram na obra. O objetivo é demonstrar as várias expressões do Bem e do Mal, em contraste, que estão presentes.

É fundamental entender que *O senhor dos anéis* é uma obra extensa em várias dimensões. Primeiro, porque está inserida no *legendarium*³, tolkieniano, e reflete os últimos momentos da Terceira Era do Sol. Assim, antes de seus acontecimentos, mais duas eras, com três mil anos cada aproximadamente, aconteceram na Terra-Média.

E essa contagem dos anos se refere apenas às eras do Sol, depois de as árvores Laurelin e Talperion, que forneciam luzes a Arda antes do Sol e da Lua, serem destruídas por Morgoth e Ungoliant, conforme descrito nas seguintes obras de Tolkien: *O Silmarillion* e nos *Contos inacabados*, além dos dois volumes de *The history of Middle-Earth*.

De fato, toda a reflexão de Tolkien em suas várias linhas de trabalho é sintetizada em *O senhor dos anéis*. Seus primeiros escritos mitológicos e lendários iniciam-se em 1917, e somente são finalizados com a publicação dos três volumes em 1954-1955. Assim, quase meio século de produção se insere na obra. Mesmo as publicações póstumas são relativas ao material já existente em 1954-1955, o que nos permite afirmar que o grande centro no qual Tolkien expôs seu legendário é *O senhor dos anéis*.

Segundo, porque *O senhor dos anéis*, de acordo com o próprio Tolkien, é baseado no *Livro vermelho do Marco Ocidental*⁴.

¹ Aurélio Agostinho (354-430) foi bispo da Igreja Católica. Doutor da Igreja e filósofo cristão, foi considerado o grande mestre do Ocidente durante séculos. Suas obras dialogam profundamente com a filosofia grega.

² John Ronald Reuel Tolkien (1892-1973) foi o criador do livro *O Hobbit* e de sua seqüência, *O senhor dos anéis*. Foi professor de anglo-saxão, ou inglês antigo, (considerado um dos maiores especialistas do assunto) (de 1925 a 1945) e de Literatura Inglesa (de 1945 a 1959) na Universidade de Oxford.

³ Termo cunhado pelo próprio Tolkien, em suas cartas, para descrever a totalidade de sua criação literária relativa à Terra-Média.

⁴ Tolkien utilizou o recurso literário de afirmar que sua obra é oriunda de outra obra, fictícia, na qual ele teria se inspirado ou copiado. No caso, o *Livro vermelho do Marco Ocidental* é uma compilação de fragmentos do legendário tolkieniano realizado na Terra-Média durante os primeiros anos da Quarta Era. A compilação e organização foram feitas pelos hobbits Lindofilhos, descendentes de Samwise Gamgi e Rosinha, que se tornaram responsáveis, por autoridade do rei Elessar de Gondor, pela região

Esse livro, citado por Tolkien no Prólogo de *O senhor dos anéis*, existe em cinco volumes, e no primeiro está a descrição da primeira aventura de Bilbo Bolseiro com os anões, os elfos, os homens do Valle e Gandalf, contra o Dragão Smaug e os orcs das montanhas sombrias. Bilbo descreveu em seu diário e o entregou a Frodo antes de sua partida para Valfenda. E ainda no primeiro volume do *Livro vermelho do Marco Ocidental*, está a parte que descreve os fatos relatados em *O senhor dos anéis*, completada por Frodo Bolseiro, no Condado.

O diário, referente ao primeiro volume do *Livro vermelho do Marco Ocidental*, iniciado por Bilbo e completado por Frodo, foi chamado de *Lá e de volta outra vez*, fonte de todo o material publicado em *O Hobbit* e *O senhor dos anéis*.

Outros três volumes, que são citados no Prólogo, se referem às traduções que Bilbo fez enquanto estava em Valfenda, utilizando os documentos dos elfos, das tradições e das fontes orais. Todo o material se refere aos Dias Antigos das eras do Sol e ainda a épocas anteriores ao Sol e à Lua, da criação do mundo pelos Valar, de Eru, o Ilúvatar, o Único e a rebelião de Morgoth e a entrada do mal no mundo criado para a beleza e bondade. Esses três volumes, denominados por Bilbo *Traduções do Élfico*, são referentes a *O Silmarillion*, *Contos inacabados* e *History of Middle-Earth*.

Por fim, o último volume dos cinco do *Livro vermelho do Marco Ocidental*, acrescentado no próprio Marco por seus administradores, os descendentes de Samwise Gamgee, contém genealogias, comentários e materiais referentes aos membros hobbits da Sociedade do Anel. Todos os acontecimentos descritos em *O senhor dos anéis* se referem aos últimos anos da Terceira Era, com a Festa de Bilbo Bolseiro na Vila dos Hobbits no Condado, no ano de 3001, e a Despedida nos Portos Cinzentos dos portadores do Anel em 3021. São vinte anos descritos.

Muitas de suas referências, no entanto, são de anos anteriores, e mesmo os Dias Antigos, da Segunda Era e a Ter-

entre as Colinas das Torres e as colinas distantes, ao leste dos Portos Cinzentos, em Eriador. Construíram casa e salões nessa região, que chamaram de Marco Ocidental. De qualquer forma, a afirmação de Tolkien deixa claro que todo o material de que dispomos sobre a Terra-Média, todo o legendário tolkieniano, está mediado pela visão dos hobbits. Umberto Eco (1986) se utiliza desse recurso literário em seu romance *O nome da rosa*.

ceira Era. Podemos encontrar referências até mesmo aos dias antes do Sol e da Lua, quando se fazem referências à Criação de Morgoth e de Sauron, dos maiar em geral e das árvores de luz. São milhares de anos, até o mistério mítico da Criação, dos Valar e da canção de Eru, o Único, entre poemas, tradições, relatos, memórias, alianças, artefatos, santuários e monumentos.

E uma terceira dimensão da extensão da obra *O senhor dos anéis* é sua detalhada divisão. São seis livros, sessenta e dois capítulos e seis apêndices. Os mapas anexos variam com as edições, entre dois e cinco mapas, que mostram o ocidente da Terra-Média, com as extremidades ao oeste o mar, a leste o mar de Rhûn e o deserto de Rhun; ao norte os Ermos depois de Carn Dûm e da Ered Mithrim; e ao sul por Mordor, Gondor do Sul e Khând. Os mapas mostram que o conhecimento do continente da Terra-Média pelos Hobbits ainda era escasso, e que os povos do leste, norte e sul ainda eram estranhos e distantes, mesmo entre os mais eruditos habitantes do oeste da Terra-Média.

Para a análise deste artigo, utilizamos duas edições. A de língua inglesa *The lord of the rings – 50th anniversary edition* (2005), revisada por Christopher Tolkien, terceiro filho e herdeiro literário da obra tolkieniana. Essa edição em inglês, publicada pela HarperCollins Publishers, traz novas correções em relação à segunda edição de *The lord of the rings*, realizada pelo próprio J. R. R. Tolkien em 1966, pela editora Allen & Unwin, atual HarperCollins. Mesmo durante as décadas de 1980 e 1990, muitas revisões foram feitas por Christopher Tolkien, principalmente em relação à pontuação, às letras maiúsculas, às formas corretas para as línguas inventadas por Tolkien e às palavras em nossa própria língua que Tolkien inventou. A edição de Christopher Tolkien de 2005 é a mais recente e, portanto, a que os *schollars* de Tolkien debatem atualmente.

Como guia de referência, além de toda bibliografia já citada de Tolkien, utilizamos o livro de David Day (2001), *A guide to Tolkien*, onde encontramos em forma de glossário a maior parte dos nomes, das localidades e dos eventos da Terra-Média. Também a coletânea feita por Wayne G. Hammond e Christina Scull (2000), *J. R. R. Tolkien artist & Illustrator*, nos ajudou na visualização das descrições em *O senhor dos anéis*.

O trabalho de John Rateliff e Daniel Reeve (2003)⁵, *Mapas da Terra-Média*, aproximaram mais os detalhes geográficos e descritivos do legendário tolkieniano referente a Terra-Média no período em que acontece a Guerra do Anel e o final da Terceira Era.

Em português, utilizamos a tradução de *O senhor dos anéis* (2001) de Lenita Maria Rímoli Esteves⁶, cuja revisão do texto e a tradução dos poemas é de Almiro Pisetta⁷. A revisão final foi de Ronald Kyrmse, com a coordenação de Luís Carlos Borges. Segundo essa edição, a tradução seguiu as orientações nos livros de Tolkien para nomes próprios, assim como trabalhos de especialistas nas línguas e alfabetos tolkienianos. Em português, existe uma tradução para as runas e os caracteres fëanorianos no frontispício do livro. A tradução é a seguinte:

O senhor dos anéis dos anéis traduzido do *Livro vermelho do Marco Ocidental* por John Reuel Tolkien. Aqui está contada a história da Guerra do Anel e do retorno do Rei conforme vista pelos hobbits (TOLKIEN, 2001, p. 5).

A divisão do artigo segue, após esta introdução, com um segundo ponto em que debatemos a concepção de Deus em Tolkien. Além das concepções de Agostinho, utilizamos o trabalho de Paul Kocher (1977), *The fiction of J. R. R. Tolkien: master of Middle Earth*; os ensaios sobre virtudes de Mark Eddy Smith (2002) em *O senhor dos anéis e a Bíblia – sabedoria espiritual na obra de J. R. R. Tolkien*; o artigo de Ron Pirson (2004) publicado na revista *Concilium*; e o já citado livro de Tom Shippey (200), *J. R. R. Tolkien – author of century*. Todos esses textos nos permitem entender a variedade de interpretações da obra, ao mesmo tempo que contribuem para definir nosso recorte agostiniano específico.

Por fim, uma série de dez artigos publicados por Mankato State College, em Minnesota nos Estados Unidos, chamada *The tolkien papers* (1967). Trabalho escolhido por tratar-se de artigos universitários, na região central dos Estados

⁵ Artista responsável pela cartografia dos filmes da New Line Cinema, dirigidos por Peter Jackson, inspirados em *O senhor dos anéis*.

⁶ Professora doutora da Universidade de São Paulo (USP) e mestre em tradução pela Unicamp.

⁷ Professor doutor de Literatura de Língua Inglesa da Universidade de São Paulo (USP).

Unidos, redigidos quando Tolkien estava vivo. Essas impressões já demonstram a rapidez, o impacto e a profundidade das interpretações filosóficas e religiosas que permeiam *O senhor dos anéis*. No terceiro ponto deste artigo, analisamos o Mal. O Um Anel é o fundamento do livro analisado. É exatamente essa força que centraliza o Mal. Sauron é O Senhor dos Anéis e está atrás do Um Anel para consolidar sua dominação sobre mentes, terras e povos. O propósito aqui é entender como Tolkien se inspira literalmente em Platão, na *República*, para demonstrar o Um Anel como centro da discussão sobre virtude.

No quarto ponto, definimos a relação do Mal como a corrupção do Livre-Arbítrio. Todos os povos são livres e devem cumprir seu papel na música dos Ainur, os Valar, porém alguns seguem a dissonância de Morgoth, o Melkor, e adentram no caminho do nada. Ao mesmo tempo, os que resistem a essa corrupção o fazem pela Graça das virtudes, daí o paralelo com a justiça no debate platônico e o símbolo do Mal no Um Anel. Em seguida, encontramos como as concupiscências estão presentes no livro. Recortando especificamente os humanos, vemos a discussão das virtudes e das concupiscências em outro viés, sem necessariamente estar associada ao Um Anel, mas sim explicitamente relacionada com o Pecado Original e a Natureza de criatura dos homens.

Essa concepção nos traz a reflexão sobre a validade das tradições e dos conhecimentos que existiam antes de nós, e o que podemos aprender com o passado, com a memória. Principalmente se compreendermos que tais questões ainda estão presentes, de forma ora dolorosa e ora gloriosa, em nossa vida. Para o Bem ou para o Mal.

2. DEUS E A PROVIDÊNCIA

A interpretação do Bem e do Mal em Tolkien possui várias vertentes. Mesmo a maioria dos estudiosos considerando Tolkien um autor que dialoga com o platonismo, com o evangelho e com as tradições mitológicas escandinavas, a proximidade, o grau e a linha de interpretação dessas fontes são assuntos controversos.

Shippey (2000) afirma que a visão de Tolkien em *O senhor dos anéis* é uma ambigüidade entre o maniqueísmo e a

filosofia de Boécio⁸. Nesse sentido, afirma que Tolkien varia sua compreensão de Deus como o Sumo Bem, em consonância com Agostinho, e ao Deus em combate com o Mal substancial, segundo o maniqueísmo. A relação clara a isso é quando, em confrontação com Sauron, o opositor de Deus, Tolkien se refere à Sombra, ou seja, desprovido de Ser, e ao mesmo tempo de O Poder do Escuro, ou o Senhor do Escuro, uma potência eficaz, com capacidade de alteração e destruição do real.

Kocher (1977), entretanto, afirma que em *O senhor dos anéis* existe a filosofia de São Tomás de Aquino, quando estabelece a relação entre a existência dos seres com sua essência, a Chama Imperecível enviada por Eru, o Único, para formar a Terra-Média. Assim, justifica a metafísica da causa de Eru, o Único, aquele do qual provém toda a criação através da música. Sendo a Causa da Criação, Eru, o Único inicia o movimento que traz a substância de todas as coisas, e ao mesmo tempo as diverge em aparência.

Ao mesmo tempo, Smith (2002) constrói uma relação entre as passagens bíblicas e trechos de *O senhor dos anéis*, ressaltando as virtudes dos personagens e as situações vividas no livro como virtudes bíblicas. A comparação textual direta, não mediada por filosofia, metafísica ou doutrina, pretende demonstrar que a inspiração tolkieniana é diretamente bíblica, sem nenhuma interferência posterior. O Deus bíblico tem analogia direta com Eru, o Ilúvatar, e os anjos e demônios são aqueles dos quais vieram as primeiras manifestações cósmicas de ordenação do universo e se relacionam diretamente com os Valar que permanecem em Aman e Morgoth, do qual Sauron, principal inimigo em *O senhor dos anéis*, foi servo.

No *The Tolkien papers* (1967), já podemos encontrar todas essas vertentes de análise, inclusive algumas discutindo sobre Livre-Arbítrio, Providência, as virtudes e a Felicidade. E da mesma forma encontramos as análises sobre a natureza do mal, sua ação e essência. Assim, as linhas de interpretação entre os evangelhos, a filosofia antiga e a mitologia escandinava são as bases de interpretação tolkieniana, porém as relações

⁸ Boécio (475-525) foi um filósofo romano. Cristão, escreveu *De consolatione philosophiae* (*Do consolo pela filosofia*).

entre essas bases e as tendências e interpretações que elas assumem no legendário são debatidas ao longo dos mais de cinquenta anos de publicação de *O senhor dos anéis*.

Em nossa análise, a perspectiva agostiniana de Deus se justifica na própria obra pela concepção da Graça e da Providência. Ao entendermos Deus como Criador, e como o Ser, o Sumo Bem, somente no qual o coração das criaturas pode repousar, ou seja, sua Iniância, encontrar a Felicidade e, dessa forma, restaurar sua Natureza de criatura e ser salva da queda do Pecado Original, o Mal, entendemos também que o Livre-Arbítrio é condição da ação das criaturas, mas, mesmo quando esse Livre-Arbítrio se escraviza nos bens temporâneos, Deus continua a agir.

É essa ação de Deus, a Providência, que permite que aqueles que buscam e têm a Graça de continuar na virtude possam se unir e agir contra aqueles que se desviam do Bem. É a Providência que permite que a Cidade de Deus exista, ao menos em parte, na terra. É a Providência que age contra a Cidade dos Homens e julga quando há abusos, injustiças, traições e escândalos. É nessa perspectiva que entendemos Deus, o Sumo Bem, em *O senhor dos anéis*.

Nesse sentido, Pirson (2004), após demonstrar o relato da Criação em *O Silmarilion*, afirma que Eru, o Ilúvatar, que traduz como o Uno, tece a criação como música, a partir dos temas que ele propôs aos seus Valar, ou Ainur, traduzidos como os Santos. No caso de *O senhor dos anéis*, existe a manifestação da Providência por meio de três expressões que Tolkien utiliza: Sorte, Destino e Acaso.

De fato, em diversas cenas fica explícita a presença de forças atuando contra a vontade do Um Anel⁹ e de Sauron. Existem duas maneiras de entendermos essas manifestações. Pela realidade de Deus na Terra-Média, percebemos que existe uma atuação indireta da Providência, e a relação entre Providência e virtude da criatura, que é a Graça aceita pelo Livre-Arbítrio, que permite a criatura agir.

⁹ O Um Anel é o ponto fundamental na narrativa de *O senhor dos anéis*. Forjado em segredo pelo maia, uma raça de status angelical, Sauron, que havia se corrompido, tinha o poder de controlar os outros anéis de poder, forjados pelos elfos liderados por Celebrimbor, mas orientados por Sauron quando este se mostrava aliado e oferecidos aos povos livres da Terra-Média: elfos, anões e homens. Com essa armadilha, Sauron pretendia dominar todos os homens, terras e conhecimento existentes.

A seguir, apontamos as cenas dessa primeira maneira de entendermos a Providência, por meio da sorte, do destino e do acaso. Para isso, colocamos as cenas por meio da indicação do parágrafo em que está descrito em Tolkien (2001).

É a sorte que fez que Bilbo achasse o Um Anel perdido quando Gollum procurava. Foi a sorte que fez Bilbo vencer a disputa de charadas contra Gollum e levar o Um Anel embora (p. 12); Merry e Pippin, ao fugirem dos orcs perto de Fangorn, foram salvos por uma flecha que perfurou a mão do perseguidor, guiada pela sorte (p. 478); em Valfenda, Gandalf ao analisar o combate com os Cavaleiros Negros, notando que Frodo não fora ferido gravemente por causa da ajuda da sorte (p.230). Novamente, quando existe a recuperação do palantír, em Isengard, quando Saruman finalmente é derrotado, Pippin é vencido pela curiosidade e pega o palantír enquanto Gandalf está dormindo, e o utiliza, revelando-se para Sauron (p. 618). É graças à boa sorte, como Gandalf diz, que Pippin não revela nada sobre a demanda e sobre os planos dos povos livres, e também é graças à sorte que não é Gandalf que se revela ao inimigo, possibilitando assim mais tempo de preparação para a batalha.

Como expressão do destino, a Providência assume o caráter da escolha individual, na vontade de Deus, muitas vezes se apresentando literalmente com a predestinação agostiniana. Gandalf, ao explicar como Bilbo encontrou o Um Anel e o tirou de Gollum, explicitamente faz referência a outro poder, que não o Senhor do Escuro, que atuava, um poder de Deus, a Providência, designando, destinando, a Bilbo a posse do Um Anel (p. 57); a própria escolha de Frodo como portador no conselho de Elrond, e sua missão de levar o Um Anel até a montanha da perdição, se deveu pelo fato de que ele foi destinado a carregar o Um Anel (p. 281).

Essa afirmação do destino de Frodo, que ele fora escolhido para levar o Um Anel, é reforçada por Galadriel em Lórien (p. 381) e por Aragorn no Amon Hen (p. 414); quando Frodo decide ir sozinho em direção a Mordor, Aragorn desiste de segui-lo, pois sabe que existem outros poderes em ação além das vontades das criaturas (p. 422).

Em relação ao acaso, a Providência se manifesta no primeiro encontro de Frodo e Sam com Gildor, o elfo. Nesse encontro, que afasta a primeira ameaça dos Cavaleiros Negros, Gildor afirma que existe algo mais que o acaso no encontro e

da proteção dos elfos para os hobbits (p. 86); Frodo, ao encontrar abrigo com o fazendeiro Magote, que instantes antes havia mandando embora o cavaleiro negro que o buscava, escutou o fazendeiro afirmando que não foi simplesmente o acaso que o enviara a ele (p. 97); ao encontrar-se com Tom Bombadill na Floresta Velha, escapando do velho Salgueiro-homem, Frodo pergunta a Tom se foi o mero acaso que o levou até eles no momento de desespero. Tom responde que foi o acaso, se Frodo chama isso (a Providência) de acaso (p. 130); Elrond, ao abrir seu Conselho, afirma que os estrangeiros de terras distantes foram chamados até Valfenda não por um acaso, mas com um propósito, que foram ordenados para resolver como agir diante do encontro do Um Anel e da guerra contra Sauron. (p. 251)

À medida que a narrativa avança, cada vez menos se encontram tais expressões. É como que no tempo em que as ações dos personagens vão se clareando, e as missões de cada um tomam um direção certa, definida em oposição aos inimigos, a Providência vai atuando menos, e assim a Graça, por meio da virtude das criaturas, vai predominando na narrativa. Como se Deus deixasse cada vez mais a decisão, e sua vontade, acontecer por meio do Livre-Arbítrio e da Graça, por intermédio das virtudes dos personagens.

Essa relação entre a Graça eficaz e o Livre-Arbítrio, adotamos no conceito de São Paulo (Rom 6: 12-18) dos colaboradores de Jesus Cristo. Nessa interpretação do *sinergoi*¹⁰ em relação à Terra-Média, a virtude da criatura se associa à manifestação da Providência. Entre as várias virtudes inspiradas no evangelho que Smith (2002) apresenta em *O senhor dos anéis*, a escolha nesta pesquisa para ilustrar essa sinergia é a coragem. Essa escolha se dá fundamentalmente na descrição de Tolkien (1997) de *Beowulf* como um texto sobre a virtude escandinava do dogma da coragem, que é sua inspiração. Para

¹⁰ Daí a concepção de sinergia, em que a Graça deve agir por meio do Livre-Arbítrio, restaurando-o. Para tal a Graça é justamente a aceitação livre do homem, a abertura ao plano de Deus, numa consonância entre a vontade humana e a vontade de Deus. Lembrando que o entendimento de Agostinho está posto na submissão do homem à revelação de Deus, afastando-se da idéia de co-criação. Tolkien trabalha com o conceito de subcriação, afirmando claramente que o artista deve sempre obedecer à Criação, cujo único autor é Deus. Ao homem resta contemplar, cuidar e organizar essa Criação e as criaturas, inclusive os próprios homens. Ver Coda (2003).

Pirson (2004, p. 113), a relação que Tolkien estabelece entre providência e virtude é a discussão central do Livre-Arbítrio e da Graça.

Não é absolutamente impossível que a maneira como se usam os termos “acaso” e “fortuna” em *O Senhor dos Anéis* indique a crença dos personagens a respeito da maneira como o divino, ou os “Santos”¹¹, agem em seu mundo. Portanto, são os personagens que interpretam um acontecimento como acontecido por “acaso” ou por “sorte” – fazendo isso, introduzem forças exteriores a eles. Diversos personagens em *O Senhor dos Anéis* parecem julgar providenciais acontecimentos acidentais, o que faz deles parte de um desígnio mais amplo de algum poder superior. Por outro lado, como sempre: é preciso duas pessoas para dançar um tango. Independentemente das (possíveis) intervenções divinas, há ainda o próprio personagem que é necessário: além do “destino” é necessária também a “virtude”. Se a providência “ordenou” que Frodo devia trazer o anel, isso não apresenta nenhuma implicação com relação à forma como ele deverá agir.

A consciência de que existem poderes divinos, a Providência, atuando é demonstrada nas falas de Gandalf, Gildor, Elrond, Tom Bombadil e Galadriel logo nos primeiros livros. Em seguida, a necessidade de reforçar a importância da coragem dos personagens é sempre afirmada. Em todos os conselhos daqueles que são considerados sábios, existe a relevância da coragem para seguir o que a Providência aponta.

As primeiras referências da importância da coragem acontecem com os próprios hobbits. Merry, ao denunciar o plano dos três hobbits ao seguir Frodo, mostrou sua coragem de enfrentar o medo do desconhecido, afirmando que seguiria Frodo aonde ele fosse, em nome de sua amizade (p. 109); Sam, na Floresta Velha, enfrentou seu medo e o encanto do velho Salgueiro-Homem e conseguiu salvar Frodo do ataque dos galhos (p. 121); Frodo, ao enfrentar as criaturas tumulares, após o encontro com Tom Bombadil, faz germinar a semente de coragem no fundo de seu coração e ataca seu inimigo, dando tempo para Tom Bombadil resgatá-los (p. 144).

¹¹ Tradução adotada por Pirson (2004) para os Valar, que eram os primeiros criados por Eru, o Único. Os Valar eram as forças primordiais, aspectos dos próprios Eru, que, ao cantarem o tempo proposto pelo Único, criaram Arda, a realidade. Eram os guardiões do mundo.

Quando se despede dos hobbits após salvá-los das criaturas tumulares, Tom Bombadil deseja, enfim, a consonância entre coragem e boa sorte, e ao mesmo tempo que afirma que eles devem partir ao encontro com o destino. Eis que a coragem, a virtude, a sorte e o destino, Providência, são os conselhos do sábio Tom Bombadil (p. 152).

Gandalf, ao conversar com Frodo em Valfenda, afirma que foi a conjunção de sua coragem com a sorte ou destino que o livrou dos cavaleiros negros e, assim, se surpreende com a missão de Frodo (p. 230); na despedida do conselho de Elrond, suas últimas palavras seguem na mesma linha de conjunção entre coragem e benção do destino, pois ressalta que é o portador do anel, Frodo, que é destinado realizar sua tarefa, que os demais membros da comitiva devem acompanhá-lo até onde puderem, e que todos, até mesmo e principalmente Frodo, devem partir com coragem nos corações (p. 292-293).

Para Shippey (2000), Deus, o Sumo Bem, se manifesta em *O senhor dos anéis* como forças positivas. Ao demonstrar a coragem e a sorte, também afirma que a consonância entre ambos é a única maneira da realização do Sumo Bem.

Enquanto os personagens dirigem seu caminho com essas incertezas consistentes, são guiados por uma desenvolvida teoria da “chance” ou do “afortunado” que são ao mesmo tempo perfeitamente familiares, perfeitamente coloquiais, e também filológica e filosoficamente consistente; e por uma teoria da coragem que é também antiga em suas raízes, e familiar em épocas contemporâneas (como o próprio Tolkien disse) de uma memória da Primeira Guerra Mundial após outra (SHIPPEY, 2000, p. 157).

Essa relação entre as incertezas consistentes como sorte, fortuna, acaso e sorte, e as virtudes, no caso a coragem, é a expressão de Tolkien em todo *O senhor dos anéis*. As pessoas na Terra-Média agem como se as coisas acontecessem de forma sobrenatural em relação ao destino e ao desconhecido.

E é essa coragem de enfrentar o desconhecido, principalmente em sua dimensão sobrenatural, que se relaciona também com tais incertezas consistentes. Pippin, ao ser carregado pelos orcs de Moria, dos Uruk-Hai de Isengard e pelos orcs de Mordor, joga seu broche, presente de Galadriel de Lórien, para deixar uma pista para alguém (p. 470). Sua cora-

gem de tentar deixar uma pista, sem nem mesmo saber se alguém o seguia, foi fundamental para que Aragorn encontrasse sua trilha. A junção entre enfrentar o desconhecido de Pippin e a sorte, incerteza, de Aragorn demonstra a conjunção da Providência e da virtude em relação ao desconhecido e ao sobrenatural. Merry, ao enfrentar o rei dos cavaleiros negros, em socorro a Éowyn, na batalha dos campos de Pelennor, não sabia o que enfrentava, nem mesmo as conseqüências que iria sofrer, mas enfiou sua espada com a coragem que brotava de seu coração (p. 890).

Por fim, Sam, ao perceber-se sozinho nas terras de Mordor, quando tudo parecia perdido, sentiu sua coragem renascer diante do último respiro de sua tarefa, conduzir Frodo à montanha da perdição (p. 989). Porém, é grande coragem de Bilbo, depois de Frodo, e por fim de Sam de não matar Gollum quando há a chance, e de confiar nele como guia em Mordor, que garante o sucesso da demanda. É Gollum que retira o Um Anel de Frodo quando este é dominado (p. 1003). Assim, a Providência, juntamente com a virtude dos hobbits, garantiu a presença do hobbit corrompido até o fim, transformando o mal feito pelo Um Anel em sua própria ruína. A própria condição do Mal, sua nulidade enquanto não-ser, oposto ao Sumo Bem, o Ser, se realiza na própria atuação da Providência, que transforma todo Mal em Bem, e a virtude dos que o seguem em realidade e redenção diante daqueles que o recusam.

3. O MAL

Entender o Mal em *O senhor dos anéis* passa necessariamente por entender seu principal bastião: o Um Anel. Como explicado, esse anel foi forjado por Sauron, um maiar de Aüle, valar ferreiro, que caiu junto com Morgoth. Após a derrota de Morgoth e a destruição de Thangorodrim e Angband, durante a Segunda Era, Sauron disfarçou suas intenções e transmitiu aos elfos-ferreiros de Eregion, com seu Celemborbor, neto de Fëanor, a habilidade de construir anéis de poder. Esses anéis conferiam aumento de habilidades, dependendo de quem os possuísse. Inicialmente, como demonstra-

ção de boa vontade e prova de amizade, esses anéis foram entregues para nove reis dos homens, sete para os senhores anões e três para os principais reis-elfos da Terra-Média.

Secretamente, Sauron, no entanto, forjava o Um Anel, cujo poder era maior que o de todos, e com a capacidade de impor sua vontade diante de outras criaturas mais fracas. O Um Anel, assim que forjado, escravizou os nove reis humanos, transformando-os nos cavaleiros negros, ou espectros do Anel. Os anões resistiram ao domínio, porém sua ganância por ouro e pedras preciosas foi estimulado, tornando-os suscetíveis a tentações e emboscadas. Quanto aos três anéis élficos, Narya anel de Fogo, Nenyá anel da água e Vilya anel do ar, resistiram completamente aos encantos de Sauron e do Um Anel, e mesmo se colocaram contra o poder do escuro durante toda Segunda Era.

Narya foi entregue ao elfo Círdan, dos portos cinzentos, que posteriormente entregou a Gandalf ou Mithandir, quando chegaram os magos na Terra-Média, por volta do ano mil da Terceira Era. Nenyá foi entregue a Elrond por Gil-Galad, antes da última batalha contra Sauron. Elrond, depois da morte de Gil-Galad, fundou Valfenda com o poder do Anel. Por fim, Vilya permaneceu com Galadriel, que fundou Lóthlórien e permaneceu como grande opositor de Sauron durante toda a Terceira Era.

Assim, o Senhor dos Anéis é Sauron, o maiar, o principal tenente de Morgoth, que ousou criar a dissonância na harmonia de Eru, o Único, quando este propôs o tema aos valar, no início de tudo. O Mal é corrupção dos propósitos originais de um criador, que é bom e que quer que a vida siga e se desenvolva. O Mal é antes de tudo uma criação de uma criatura, que só tem poder porque foi criada para Bem, e seu poder maligno é a consumação de seu ser, enquanto bondade, em direção ao nada, causando morte e sofrimento para si mesmo e para todas as outras criaturas que deseja controlar, destruir ou aterrorizar.

Em *Beowulf*, os reis de grande poder são chamados de doadores de anéis. Assim é com Hrotgar e mesmo com Beowulf depois de sua ascensão ao trono. Ao colocar o grande senhor do escuro como doador de anéis, Tolkien reflete sobre a função do poder, especialmente o político, quando se torna corrupto. Para Le Goff (1993), a base do Estado moderno é

o rei medieval, que formula suas bases de poder em alianças, acordos, e assim torna-se cada vez mais soberano que suserano. Em sua época de totalitarismo e imperialismo capitalista, Tolkien repercute o Mal como desejo de dominação e poder.

Para Shippey (2000), a visão do Mal em relação ao Um Anel é ambígua. Se, por um lado, o Um Anel é um ser com vontade própria, ligado intimamente a Sauron, e deseja retornar a seu criador, por outro, é uma espécie de amplificador psíquico do mal inerente a cada criatura. A base dessa amplificação, desejos e medos, são as tentações que o Um Anel oferece para cada um que o vê, que o possui e que o usa. O Um Anel com vontade própria e ao mesmo tempo amplificador da maldade interna da criatura.

Dessa forma, a relação entre o Pecado Original, presente em cada criatura, é a base de interpretação para o Um Anel. O Mal é um ser em si, porque é criado por um ser corrompido, com o poder originalmente bom, que se desviou por vontade própria de seu caminho de harmonia, e dedicando seu poder, que em si era bom, corrompeu-se para o nada. Por sua vez, as concupiscências daqueles que trilham o caminho do Bem são tentadas ao se defrontarem com o Um Anel, que estimula medos e desejos em cada criatura, colocando-as em tensão com suas virtudes e decisões.

Essa ambigüidade tem como raiz a expressão do Pai-Nosso cristão. As duas últimas frases – “não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal” – refletem ao mesmo tempo que o mal é interno, explícito em tentações, e externo, no qual se pede que Deus nos livre dele. Por mais que essa interpretação possa ser ambígua, é nela que Tolkien realiza sua simbolização do Mal no Um Anel.

Entender o Um Anel como símbolo do Mal é permitir-se viver na simplicidade do trabalho e da companhia fraterna e familiar, como os hobbits e anões, e viver a honra das escolhas de sacrifício e doação, como os reis de Gondor, e viver a sabedoria de forma simples e natural, como os elfos e magos. Em uma carta de 1956, Tolkien nos demonstra exatamente sua consciência da visão de Santo Agostinho.

Não nos deixeis cair em tentação etc. é a súplica mais difícil e a considerada com menos freqüência. A idéia, nos termos da minha história, é de que, embora cada evento ou situação pos-

sua (pelo menos) dois aspectos – a história e o desenvolvimento do indivíduo (é algo do qual ele pode obter o bem, o bem último, para si mesmo ou falhar em sua obtenção) e a história do mundo (que depende das ações do indivíduo para seu próprio bem) –, há ainda situações anormais nas quais é possível ser colocado. Eu as chamaria de situações sacrificiais: isto é, posições nas quais o bem do mundo depende do comportamento de um indivíduo em circunstâncias que exigem dele sofrimento e resistência muito além do normal – até mesmo, pode acontecer (ou parecer, humanamente falando) –, demandam uma força de corpo e mente que ele não possui: ele está, de certa forma, fadado a falhar, fadado a cair em tentação ou ser destruído pela pressão contra sua vontade: isto é, contra qualquer escolha que ele poderia fazer ou faria desimpedido, não sob a coerção (CARPENTER, 2006, p. 224).

Assim, as escolhas diante do Um Anel sempre são essas situações sacrificiais. Na verdade, o símbolo do Um Anel como o Mal é justamente o carregar na narrativa dessas situações sacrificiais que cada indivíduo deve realizar diante do que Tolkien enxergava na modernidade. Em *O senhor dos anéis*, Frodo usa o Um Anel seis vezes, e desde a primeira vez até a última, são suas próprias tentações, e ao mesmo tempo uma força externa, que ele tem que vencer para continuar sua tarefa.

Logo na cena que Bilbo tem que entregar o Um Anel para Frodo, o hobbit resiste até o ponto em que o próprio Gandalf tem que intervir. Bilbo resiste, chama Gandalf de ladrão, e sua mão não consegue se livrar do Um Anel, com trancos (p. 32-57). Em seguida, é a Frodo que o Um Anel domina, enganando suas convicções e sua vontade antes mesmo que o utilizasse (p. 62); depois, ao fugirem do cavaleiro negro, Frodo e os hobbits são quase denunciados pela força que o Um Anel impõe a Frodo para que utilize o Um Anel e atraia o cavaleiro negro (p. 77-81).

É, no entanto, na casa de Tom Bombadil que Frodo o usa pela primeira vez, e é movido por sua própria vontade. Tom Bombadil, imune ao poder do Um Anel, o coloca e não some, e rejeita o Um Anel como se nada fosse. Frodo, incomodado com o descaso com o Um Anel, e com sua própria missão, ferido em seu orgulho, pois todos davam muita importância à sua tarefa, até Gandalf, coloca pela primeira vez o

Um Anel movido por sua própria mesquinha e desejo de impressionar Tom Bombadil (p.137).

Em seguida é em Bri, na estalagem do Pônei Saltitante, de Cevado Carrapicho. Num primeiro instante, Frodo resiste à tentação de colocar o Um Anel para escapar da vergonha de ter chamado atenção de todos na taverna (p. 163), mas, logo em seguida, o Anel lhe prega uma peça, fazendo que Frodo, ao se desequilibrar, usasse o Um Anel e se denunciasse para os espiões lá presentes (p.166).

A terceira vez é no topo da colina, em Amon Sun, quando junto com Aragorn estão a caminho de Valfenda. O Um Anel atrai os cavaleiros negros, fazendo que Frodo o utilize imediatamente quando os cavaleiros se apresentam para pegá-lo. Frodo cede abertamente, é dominado pelo desejo de colocá-lo e de lutar por ele (p. 202). A tentação entre o medo de enfrentar os cavaleiros e uma outra vontade, que não a sua, que o impunha a necessidade de colocar o Um Anel.

Mais tarde, ao pensar no que havia acontecido, Frodo tem a certeza de que obedeceu também ao seu próprio desejo de colocar o Um Anel e também ao imperativo de seus inimigos. Uma outra vontade se impôs à sua, uma vontade que se aliou à sua própria tentação (p. 206).

A quarta vez que Frodo usa o Um Anel é para fugir de Boromir, dominando pela concupiscência do orgulho, querendo levar o Um Anel para Gondor, em sua cidade Minas Tirith, para utilizá-lo como arma contra o próprio Sauron. Enlouquecido, Boromir tenta retirar o Um Anel de Frodo, que o usa para fugir (p. 418-420). Nesse momento, Frodo vê com os olhos do Um Anel toda a maldade de Sauron, sobe no Amon Hen e percebe todo o desejo do Um Anel de voltar ao seu mestre. Existe uma luta entre duas vontades em Frodo, a do Um Anel contra a vontade de Gandalf, que se manifesta a distância. Esta luta é superada pela própria decisão de Frodo, que retira o Um Anel, aceitando a vontade de Gandalf, controlando a vontade do Um Anel.

Na quinta vez, Frodo utiliza o Um Anel completamente livre, apenas para fugir de seus amigos, ainda no Amon Hen. Decidido, por sua própria coragem e disposição, de ir sozinho para Mordor e enfrentar sua missão, na qual foi destinado, Frodo usa o Um Anel e nada lhe acontece. Essa quinta vez, em que Frodo aceita seu destino pela coragem, por meio

da sinergia de que já falamos, é a única vez que Frodo demonstra completo domínio tanto em suas tentações quanto da vontade do Um Anel. Desapareceu, fazendo menos barulho que o farfalhar do vento (p. 420).

Na sexta e última vez que Frodo usa o Um Anel, é o momento decisivo na demanda o portador. Na escalada da montanha na qual ficavam as forjas de Saurom, Frodo já não consegue sozinho impedir que sua mão se utilize do Um Anel e pede ajuda de Sam (p. 998). Esse impulso não é exterior a Frodo, e Sam consegue facilmente segurar a mão do patrão, embora fosse irresistível para Frodo. Nas bordas da montanha da perdição, o centro do poder de Sauron, onde nem mesmo o frasco de Galadriel que dava forças e iluminava a escuridão mais profunda pode agir, Frodo sucumbe ao poder do Um Anel e reivindica a posse de Um Anel (p. 1002) Nesse momento, em que Frodo já estava exausto, física, psíquica e espiritualmente, no coração das Sammath Naur o poder e a vontade de Um Anel eram maiores que tudo. Não havia nada que Frodo pudesse fazer, e ele sucumbe.

Assim, a tensão constante entre o Mal que é um ser senciente e ao mesmo tempo uma fonte de tentações para aqueles que o possuem é permanente em *O senhor dos anéis*. É ao mesmo tempo uma presença, com vontade própria, e ao mesmo tempo um parasita que necessita de um portador para corromper e assim realizar seus desejos. Alimentando-se dos próprios medos e desejos de cada criatura, o Um Anel tem seus próprios planos. Forjado de um maia, um ser angelical, que depositou nele a maior parte de seu poder, o Um Anel é uma presença corruptora, criada com poder angelical com propósitos maléficos. E ao realizar sua tarefa, Sauron prende seu próprio ser, sua materialidade e presença corporal, por exemplo, no Um Anel.

Sauron, embora seja o Senhor do Escuro, o Senhor dos Anéis, é visto ainda como uma grande sombra, uma névoa com um grande olho de felino amarelado. Somente com a posse do Um Anel que ele poderá novamente assumir forma material e andar pela Terra-Média. O Um Anel, em certa medida, é o próprio Sauron, cindido em seu desejo de corrupção, de materialidade e dependente de criaturas que possa dominar. Encaminhando-se ao nada, priva-se de seu ser angelical e destina seu poder para dominar e corromper outras criaturas, levando-se ao Nada, fim último do Mal.

Uma vez entendida a história do Um Anel, é necessário apontar como essa questão do Mal se expressa no símbolo tolkieniano. Claro que toda a saga do *Anel dos Nibelungos*, como referência ao poder e a demanda, *Volsunga Saga*, onde existe o Um Anel que traz riquezas e ao mesmo tempo uma maldição, e do próprio *Beowulf*, que traz o Senhor dos Anéis como um rei poderoso, trazem a simbolização do anel como poder. Porém, existe ainda outra fonte da reflexão de Um Anel que discuta o Bem e o Mal, e mais ainda a questão da justiça, enquanto virtude máxima.

Existe uma passagem em Platão que remete a capacidade do Um Anel, que originalmente apenas fazia o seu portador se tornar invisível, quanto à sedução para o Mal e o poder. Na *República*, Sócrates dialoga com Glauco sobre a justiça, e este afirma que a justiça é apenas convenção social, de aparências, e não expressão de algo interno ao próprio homem:

Dizem que uma injustiça é, por natureza, um bem e sofrê-la, um mal, mas que ser vítima de injustiça é um mal maior do que o bem que há em cometê-la. De maneira que, quando as pessoas praticam ou sofrem injustiças umas das outras, e provam de ambas, lhes parece vantajoso, quando não podem evitar uma coisa ou alcançar a outra, chegar a um acordo mútuo, para não cometerem injustiças nem serem vítimas delas. Daí se originou o estabelecimento de leis e convenções entre elas e a designação de legal e justo para as prescrições da lei. Tal seria a gênese e essência da justiça, que se situa a meio caminho entre o maior bem – não pagar a pena das injustiças – e o maior mal – ser incapaz de se vingar de uma injustiça. Estando a justiça colocada entre estes dois extremos, deve, não pretear-se como um bem, mas honrar-se devida a impossibilidade de praticar a injustiça. Uma vez que o que pudesse cometê-la e fosse verdadeiramente um homem nunca aceitaria a convenção de não praticar nem sofrer injustiças, pois seria loucura. Aqui tens, ó Sócrates, qual é a natureza da justiça, e qual sua origem, segundo é voz corrente (PLATÃO, 2001, p. 45).

Aqui Glauco aponta a origem da justiça, enquanto virtude, entendida apenas pela imposição do medo dos homens. Na discussão cristã sobre o Mal, sendo esse exclusivamente originário do homem ou de uma criatura, sendo sofrido ou

causado, Platão discute a idéia de que o homem em si é mal, e o estabelecimento da justiça é algo que somente a imposição dos outros homens pode causar.

A justiça é justamente o intermédio entre o bem maior, não pagar pena pelas injustiças, e o mal maior, não ser capaz de vingar-se das injustiças. Assim, a justiça, a virtude entre os homens, é uma forma de ser neutro no relacionamento entre os outros homens, que sempre preferem ser injustos para assim sobressair de seus pares, ao mesmo tempo que nenhum homem quer ser vítima da injustiça, não aceitando que outro homem sobressaia sobre eles.

Sentiremos melhor como os que observam a justiça o fazem contra vontade, por impossibilidade de cometerem injustiças, se imaginarmos o caso seguinte. Demos o poder de fazer o que quiser a ambos, ao homem justo e ao injusto; depois, vamos atrás deles, para vermos, o justo, a caminhar para a mesma meta que o injusto, devido à ambição, coisa que toda a criatura está por natureza disposta a procurar alcançar como um bem; mas, por convenção, é forçada a respeitar a igualdade. E o poder a que me refiro seria mais ou menos como o seguinte: terem a faculdade que se diz ter sido concedida ao antepassado do Lídio (Giges). Era ele um pastor que servia em casa do que era então soberano da Lídia. Devido a uma grande tempestade e tremor de terra, rasgou-se o solo e abriu-se uma fenda no local onde ele apascentava o rebanho. Admirado ao ver tal coisa, desceu por lá e contemplou, entre outras maravilhas que para aí fantasiam, um cavalo de bronze, oco, com umas aberturas, espreitando através das quais viu lá dentro um cadáver, aparentemente maior do que um homem, e que não tinha mais nada senão um anel de ouro na mão. Arrancou-lho e saiu. Ora, como os pastores se tivessem reunidos, da maneira habitual, a fim de comunicarem ao rei, todos os meses, o que dizia respeito aos rebanhos, Giges foi lá também, com seu anel. Estando ele, pois, sentado no meio dos outros, deu por acaso uma volta ao engaste do anel para dentro, em direção à parte interna da mão, e, ao fazer isso, tornou-se invisível para os que estavam ao lado, os quais falavam dele como se tivesse ido embora. Admirado, passou de novo a mão pelo anel e virou para fora o engaste. Assim que o fez, tornou-se visível. Tendo observado estes fatos, experimentou, a ver se o anel

tinha aquele poder, e verificou que, se voltasse o engaste para dentro, se tornava invisível; se o voltasse para fora, ficava visível. Assim senhor de si, logo fez com que fosse um dos delegados que iam junto do rei. Uma vez lá chegado, seduziu a mulher do soberano, e com o auxílio dela, atacou-o e matou-o, e assim se tomou o poder (PLATÃO, 2001, p. 46).

Nesse caso, a discussão do poder de ficar invisível é de um anel de ouro. Como o Um Anel, e que inevitavelmente, por causa da natureza de todos os homens, um pastor, um homem simples como os hobbits, teria, por ambição seduzido, matado e usurpado o poder de seu reino. As referências à natureza caída de Agostinho, com o Pecado Original, e também à condição de corrupção irresistível que o Um Anel traz, colocam tanto justos como injustos. Ninguém pode resistir ao Um Anel, nem mesmo os mais sábios, que inevitavelmente acabaram cedendo ao seu poder se o reivindicarem.

Daí a preocupação tão imensa de Gandalf, Elrond e Galadriel em não assumir o Um Anel e mesmo considerá-lo também uma tentação. Nessa inspiração platônica, Tolkien, além de abordar o símbolo do anel como poder, especialmente o institucional político, como os reinos e a riqueza, também aborda a virtude do homem, assumindo assim a narrativa de Gíges como exemplo de hobbit simples, pastores e agricultores, de poder de ficar invisível e de corrupção.

Se, portanto, houvesse dois anéis como este, e o homem justo pusesse um, e o injusto outro, não haveria ninguém, ao que parece, tão inabalável que permanecesse no caminho da justiça, e que fosse capaz de se abster dos bens alheios e de não lhes tocar, sendo-lhe dado tirar à vontade o que quisesse do mercado, entrar nas casas e unir-se a quem lhe apetecesse, matar ou libertar das algemas a quem lhe aprouvesse, e fazer tudo o mais entre os homens, como se fosse igual aos deuses. Comportando-se desta maneira, os seus atos em nada difeririam dos do outro, mas ambos levaram o mesmo caminho. E disto se poderá afirmar que é uma grande prova, de que ninguém é justo por sua vontade, mas forçado, por entender que a justiça não é um bem para si, individualmente, uma vez que, quando cada um julga que lhe é possível cometer injustiças, comete-as (Platão, 2001, p. 45-47).

É exatamente assim que Tolkien formula o Mal. O Um Anel não reconhece a virtude de ninguém. De todo *O senhor dos anéis*, somente Tom Bombadil (p. 136) não se sente tentado e nem teme o Um Anel. E isso é explicado por Gandalf no conselho como por mero descaso e desprezo pelos grandes problemas da Terra-Média. Ao recusar o poder, Tom Bombadil, o mais velho de todos, recusa também a responsabilidade e a proteção de todos os habitantes da Terra-Média.

Aqui o conceito de Pecado Original de Agostinho se aproxima da concepção de natureza que Platão descreve. O ser humano é um ser caído e deve assim assumir a convenção coletiva para que se mantenha na virtude. Não existe o Livre-Arbítrio de forma real, apenas as concupiscências agindo de forma imperativa. Este é na verdade a grande realização do Um Anel. Ninguém pode resistir a ele, primeiro pela força que existe nele de Sauron, e de sua própria vontade, depois pela Iniância presente em toda criatura, com a qual o Um Anel se alia para a dominação de toda criatura.

Existe, entretanto, uma tensão diferente na narrativa de Tolkien. O Um Anel é encontrado, depois da primeira derrota de Sauron, no livro *O hobbit*, anterior a *O senhor dos anéis*, e justamente existe uma discussão sobre as decisões do portador do Anel. O hobbit Bilbo Bolseiro, protagonista de *O senhor dos anéis*, encontra o Um Anel que Gollum¹², a criatura que o mantinha preservado, havia perdido. Gollum, ainda como Sméagol, mata Déagol, seu amigo para ficar com o Um Anel (p. 55). E é justamente na diferença entre ambos que Tolkien mostra sua discordância de Glauco, na *República*, embora usando uma história similar a Gíges, o Lídio.

Bilbo havia encontrado o Um Anel, e Gollum sabia disso. Encontravam-se os dois numa caverna, um diante do outro. O objetivo de Gollum era pegar o Um Anel, tornar-se invisível e matar Bilbo. Enquanto Bilbo mantém o Um Anel graças a um desafio de charadas e tem a oportunidade de,

¹² Seguindo a narrativa, Gollum é, na verdade, uma espécie de hobbit, que, por causa do uso contínuo do Um Anel, desfigurou-se completamente de sua natureza. Existe esse padrão em *O senhor dos anéis*: o Mal não é criador, é um corruptor. Todos os que são escravizados pelo Um Anel tornam-se como sombras do que um dia foram e utilizam a servidão do Um Anel como poder para oprimir e controlar aqueles que ainda mantêm sua liberdade.

estando invisível, matar Gollum e não o fazê-lo (p. 13). Daí a primeira afirmação do Livre-Arbítrio e da Graça, trazido por Tolkien.

É justamente pela preservação de Gollum que Bilbo resiste e com coragem pula por cima de Gollum. Na conversa no Condado, quando Frodo afirma que Bilbo deveria ter matado Gollum, Gandalf o repreende afirmando que Bilbo só conseguiu se desfazer do Um Anel, entregando-o a Frodo, porque começou a possuí-lo de forma diferente de Gollum, recusando a matar em nome de sua posse (p. 61).

Muitas outras vezes existiu a oportunidade de matar Gollum. Na primeira vez que Frodo e Sam estão sozinhos em direção a Mordor, logo após o rompimento da sociedade, conseguem capturar Gollum, e Frodo se lembra das palavras de Gandalf no Condado, referindo-se ao fato de Bilbo não ter matado Gollum por causa do Um Anel, e assim aceita ser guiado por Gollum, protegendo-o e confiando nele. (p. 646). Sam, nas proximidades da montanha da perdição, se recusa a matar Gollum, mesmo estando em vantagem e já tendo possuído o Um Anel (p. 1000). A recusa permanente de matar outro hobbit, a escolha por sua própria pena e misericórdia, mesmo diante de um corrompido como Gollum, é que garante a destruição do Um Anel nas Sammath Naur.

Da discussão platônica sobre justiça, Tolkien expressa claramente essa imagem simbólica do Um Anel como poder. É justamente na sua capacidade de sedução e corrupção que assenta a propagação de Sauron. Todos os que caíram no domínio de Sauron desejaram alguma vez, e por ato de livre vontade, apesar da objetividade da força corruptora do Um Anel, possuir esse poder.

Em outro momento, ao responder a um grupo de estudos de *O senhor dos anéis*, numa carta de 14 de outubro de 1958, Tolkien afirma a questão do mítico como simbólico, ou seja, da concepção da explicação da história de origem de algo, seja da vida, do sagrado ou mesmo do Poder, remetido a uma imagem específica, enfim, o Um Anel:

Não se pode exigir muito do Um Anel, pois ele obviamente é um atributo mítico, embora o mundo das histórias seja concebido em termos mais ou menos históricos. O Anel de Sauron é apenas um dos vários tratamentos míticos da colocação

da vida ou poder de alguém em algum objeto externo, que assim fica exposto à captura ou destruição com resultados desastrosos para si mesmo. Se eu fosse filosofar esse mito, ou pelo menos o Anel de Sauron, eu diria que ele era um modo mítico de representar a verdade de que a potência (ou talvez, melhor dizendo, potencialidade), se for exercida e produzir resultados, tem de ser externada e dessa forma, por assim dizer, sai, em um grau maior ou menor, do controle direto do indivíduo. Um homem que deseje exercer “poder” deve possuir subordinados, que não são ele mesmo. Mas ele então depende deles (CARPENTER, 2006, p. 266).

Fica clara então a questão da simbólica do Um Anel como vontade de poder ou dominação. Assim, é importante nos atentarmos para a questão dessa vontade. Como vimos no trecho de Platão, Glauco afirma que nenhum homem é capaz de ser, por própria vontade, alguém justo. Dessa forma, Tolkien despreza essa idéia de colocar as diferenças como nulas entre o homem justo e injusto no anel de Gíges, o Lídio. Para Bilbo, Frodo e Sam em *O senhor dos anéis*, Tolkien afirma que sim, é possível entender como a vontade e a virtude, por meio da sinergia entre Livre-Arbítrio e Graça, podem ser importantes para aquele que usa o Um Anel, ou simbolicamente o poder.

4. LIVRE-ARBÍTRIO E CORRUPÇÃO

A concepção de Livre-Arbítrio é um dos pontos mais recorridos por Tolkien em *O senhor dos anéis*. Logo no Prólogo ao falar da organização do Condado, Tolkien afirma que os hobbits seguiam fundamentalmente as leis do Livre-Arbítrio, que eram tão antigas quanto justas. (p.10). Depois, Gandalf no Condado, ao conversar com Frodo, afirma que não cabe aos povos decidirem sobre quais tempos devem viver, mas sim o que fazer com o tempo que lhes é dado (p. 53).

Em outro momento, no Conselho de Elrond, os escolhidos para compor a comitiva, Aragorn, Gandalf, Legolas, Gimli, Boromir, Merry, Pippin, Sam e Frodo, são aqueles que se prontificaram por sua livre vontade e somente assim serão

capazes de manter seus corações na missão de proteger o portador do Um Anel (p. 292). Ao entrarem em Rohan, Aragorn, Legolas e Pippin se encontram com os cavaleiros e Éomer, Terceiro Marechal da Terra dos Cavaleiros, que na conversa com Aragorn se pergunta como pode um homem julgar sobre o Bem e o Mal em tempos como aqueles (p. 457). Aragorn responde que o Bem e o Mal são a mesma coisa desde sempre, o que foi há de ser e o que é será. Novamente, as leis tão antigas quanto justas do Livre-Arbítrio são reforçadas.

Gandalf, no palácio de Medused, em Edoras, ao desmascarar Gríma Língua de Cobra, que enfeitiçava Théoden, afirma que não se deve matá-lo sem antes oferecer-lhe uma escolha. É pelo Livre-Arbítrio que Gandalf julga. É pela expressão da Graça por meio do Livre-Arbítrio atuando que Gandalf abre mão do poder de matar alguém e entrega aos poderes divinos da Terra-Média (p. 544). Novamente, ao derubar Saruman de Isengard, depois da corrupção do antigo mestre, Gandalf lhe oferece uma escolha livre, para que Saruman possa novamente recomeçar sua tarefa (p. 610-611). Em ambos os casos, tanto Gríma Língua de Cobra quanto Saruman recusam a possibilidade, escolhem ficar ao lado de Mordor, remoendo sua própria culpa e rancor.

Nas escadarias de Cirith Ungol, nas proximidades da toca da aranha monstruosa Laracna, Frodo e Sam conversam sobre como a história¹³ parece ser a mesma em todas as eras e como aqueles que saem e entram apenas cumprem seu papel devido (p. 750). Porém, por maior que fosse o perigo, todos os grandes que viveram as grandes histórias continuaram, para um final nem sempre feliz. Mas o importante é que continuaram, por isso que se transformaram em histórias, canções e contos (p. 751). A escolha por meio do Livre-Arbítrio de continuar na missão designada, de manter-se na Graça, é a escolha que deve ser feita para que exista uma história.

No final da jornada, novamente nas Sammath Naur, a expressão de Frodo, vencido em seu Livre-Arbítrio, cria mais uma vez a polêmica sobre a potência de Sauron e da vontade

¹³ No original em inglês, Tolkien usa nessa cena *tale*, *songs* e *stories*, mas nunca *history*. A tradução adotada utiliza história, porém seria mais próxima a tradução estória, justamente por estar mais coerente com a teoria de subcriação de mitos e estórias de Tolkien.

própria de o Um Anel. Ao chegar à frente das fornalhas da montanha da Perdição, Frodo, ao se virar para Sam, afirma que não escolhe¹⁴ fazer o que veio fazer, mas sim toma o Um Anel para si, finalmente sucumbindo diante do poder de Mordor (p. 1002). O Um Anel, como vimos, não apenas alimentava a corrupção por meio dos desejos e medos de seu portador, mas era também em si uma vontade que podia obrigar aqueles que não podia seduzir. Eis que, nesse momento, Frodo não tinha mais controle sobre si, e não havia mais necessidade de o Um Anel tentá-lo, simplesmente o forçou a colocar o Um Anel.

Portanto, o Livre-Arbítrio, por meio da Graça, é antes de tudo o centro da diferença entre o Bem e o Mal em *O senhor dos anéis*. Ao entendermos isso, encontramos um padrão existente nas criaturas. O Mal é uma criação de uma criatura, e assim pode se alastrar, pela sedução ou pelo domínio, através das outras. Todo mal causado pelas guerras e pelas violências das forças de Sauron é seu domínio. Também a corrupção das criaturas de Eru, o Único e seus anjos os Valar, é o Mal.

No caso específico da Cidade de Deus e da Cidade dos Homens, a construção é contra o Senhor dos Anéis, o único tirano Sauron, contra os povos livres da Terra-Média, que ainda mantém a reverência aos valar e a Eru, o Único. Nesse caso, a própria menção da Providência, como já demonstramos, revela essa crença. Contudo, a reunião de diversos povos contra um inimigo comum e em nome de valores e virtudes antigas é a manifestação da Cidade de Deus contra a Cidade dos Homens.

Elrond afirma, em seu Conselho em Valfenda, na formação da comitiva que deveria ajudar Frodo, que devem ser os nove companheiros para enfrentar os nove espectros do Anel, que são maus. Todos os cavaleiros negros eram reis homens que foram corrompidos pelo poder do escuro, por meio

¹⁴ Na tradução adotada, encontra-se: “Cheguei – disse ele. – Mas agora minha escolha é não fazer o que vim aqui para fazer. Não vou realizar esse feito. O Anel é meu!”. Porém, na versão original inglesa encontra-se: “‘*I have come,*’ he said. ‘*But I do not choose now to do what I came to do. I will not do this deed. The Ring is mine*’”. Para um professor de lingüística como Tolkien, “*I choose not to do*” e “*I do not choose to do*” são expressões diferentes. Numa tradução mais próxima, a frase seria: “Mas agora eu não escolho fazer o que vim fazer”.

da concupiscência do poder, do orgulho. Assim, o contraste é abertamente na oposição à degradação que Mordor realizava. (p. 287). A Cidade de Deus e a Cidade dos Homens, o Bem e o Mal, se opõem pelas virtudes, pela aceitação da Graça pelo Livre-Arbítrio e pelo fato de a Iniância estar posta em algo fora das concupiscências.

Em outro momento, Frodo, ao enxergar através dos olhos do Um Anel no topo de Amon Hen, fugindo de Boromir, vê Minas Tirith como a única oposição, bela e forte, contra as forças de Sauron, mas perde a esperança quando enxerga Barad-Dûr, a fortaleza de Sauron, que se ergue terrível contra a bela Minas Tirith. Nesse momento de oposição entre duas cidade reais que conteriam a Cidade de Deus e a Cidade dos Homens, podemos perceber na própria descrição de ambas a diferença nos sentimentos que cada uma gera em Frodo. Por um lado, a esperança de Minas Tirith, por outro, o desespero de Barad-Dûr. É o sentimento de esperança que define a presença de Deus (p. 419). Por fim, quando caminham em Lórian para Caras Galadhon, Frodo enxerga a Floresta das Trevas, no norte dominado por Sauron, enquanto está presente na luminosidade da casa de Celeborn e Galadriel, e tem a forte noção do contraste em luz e trevas, refletindo na oposição das cidades.

É Haldir, o elfo, que explica para Frodo que os poderes estão em oposição. Para Frodo, as terras da Floresta das Trevas são como o Mal, vagas, vazias, enevoadas e tênues, arrasadas e estéreis, enquanto ele mesmo estava numa terra rica, abundante, colorida e luminosa. Aqui, o contraste entre a Cidade de Deus e a Cidade dos homens é como a terra se manifesta quando ambas estão presentes. Por um lado, Deus é sempre luz, vida e movimento; por outro, o Mal sempre é parado, sombrio, com trevas e inanimado.

Nesse parâmetro, é possível encontrar outro padrão em *O senhor dos anéis*. Ao analisarmos três raças, os maiar, os humanos e os hobbits, percebemos que existem três fases bem definidas de corrupção. No livro, sempre existe um membro da raça já corrompido, um que se corrompe ao longo da narrativa e outro que se mantém íntegro.

No primeiro caso, dos maiar, é o próprio Sauron que é o grande Mal. Membro da raça angelical, Sauron se corrompe no início da Criação. Elrond, no Conselho, ao repreender

Boromir pela idéia de usar o Um Anel para destruir Sauron, pois este corromperia aquele que o usasse, pois no Um Anel está todo o desejo de dominação, a corrupção de Sauron, pois mesmo Sauron era bom no início, e que não há um ser mal por natureza (p. 278). O próprio Balrog de Moria, que Gandalf enfrenta, é também outro maiar, da mesma raça de Sauron e do próprio Gandalf, por isso que Gandalf encontra um adversário à altura (p. 340-343). Esses são os exemplos de maiar corrompidos.

O maior exemplo de corrupção no decorrer do livro é Saruman. No início era o branco, o líder da Ordem dos Magos e líder do Conselho dos Sábios. Porém, é graças aos poderes de Sauron e de sua própria Iniância, por meio da concupiscência do orgulho e da curiosidade, que Saruman se corrompe. Ao trair Gandalf e ao prendê-lo na torre de Orthanc, revela seus planos e demonstra sua corrupção, que se revela de muitas cores (p. 269). Em outro momento, Barbárvore, na Floresta Fangorn, explica para Merry e Pippin como a mente de Saruman foi deixando de se preocupar com as coisas vivas, como as árvores e a floresta, e passou apenas a se preocupar com metal, máquinas e rodas (p. 495). Por fim, Gandalf é o maiar que se mantém íntegro. Isso exige um custo, um sacrifício de tal medida que é passar pela própria morte.

Ao enfrentar o Balrog em Moria, Gandalf tem que passar pelo abismo interminável, além da luz e do conhecimento, nos pântanos da fundação da terra. Porém, após isso, é levado ao Pico mais elevado e então assume um novo papel, deixa de ser o Cinzento e agora se encontra como o Branco (p. 524-525).

No caso dos humanos, a expressão mais concreta é a dos cavaleiros negros. Antigos reis humanos que receberam os anéis de poder dos elfos ferreiros de Eregion durante a Segunda Era, os espectros do anel são reis humanos já há muito corrompidos. Gandalf explica tudo isso a Frodo no Condado, quando ainda estão contando a história do Um Anel (p. 53). E Aragorn demonstra toda sua ira diante deles por serem humanos corrompidos, quando conversa com os hobbits em Bri (p. 171).

Os exemplos mais cruéis de corrupção pelo Um Anel é Boromir. Em vários momentos da narrativa, ele manifesta o desejo pelo Um Anel. No próprio conselho, quando Elrond

o repreende (p. 278); em Lórien, ao encarar Frodo depois da apresentação a Galadriel (p.385); e, por fim, sua corrupção total ao tentar tirar o Um Anel de Frodo (p. 416-418). Denethor, regente de Gondor, pai de Boromir também se corrompe por causa do combate com Sauron por meio do palantír, em que Denethor sucumbiu diante do próprio Senhor do Escuro, que lhe retirou toda a esperança e todo o ânimo para resistir aos seus golpes (p. 906-907).

Os homens que se mantêm íntegros são Aragorn e Faramir. Aragorn decide deixar o portador ir sozinho para Moria e acredita que existam forças maiores que ele mesmo que conduzam Frodo. Essa convicção, essa fé, é o que permite que Aragorn resista aos apelos do Um Anel (p. 437), ao mesmo tempo que enfrenta seu destino nas Sendas dos mortos, antes de ir a Gondor. Existe a tradição de que o Rei de Gondor poderia livrar os mortos amaldiçoados, e para isso era necessário passar pelo caminho que todos associavam à morte. Aragorn, em sua própria maneira, para manter-se íntegro ao mal, também deve passar pelas Sendas da Morte, onde até mesmo Gimli, o Anão, se atemoriza (p. 832-833).

Outro homem que se mantém íntegro é Faramir, irmão de Boromir e filho de Denethor. Embora haja a tentação pela concupiscência do orgulho de satisfazer o Regente de Gondor e seu próprio pai, que o desprezava por não ter a ambição do irmão e do próprio pai, Faramir ao capturar Frodo e Sam em Ithilien (p. 691) e saber que carregavam o Um Anel (p. 704-705), apesar de pressioná-los, resistiu aos apelos e deixou que passassem. A atenção de Faramir ao respeito pelo Oeste, num ritual antes das refeições, mostra sua fidelidade aos planos dos Valar e de Eru, o Único (p. 711), que possibilitou que resistisse às tentações do Um Anel. Depois, mesmo repreendido pelo pai, que o renegava (p. 859), Denethor enlouquecido pela soberba, obedeceu à sua ordem insana e se lançou à morte contra a já tomada cidade de Osgiliath, onde tombou em ferimento quase mortal (p. 868-869).

No fim da Guerra do Anel, Aragorn assume como o novo Rei de Gondor, finalmente restabelecido entre norte e sul, casando-se com Arwen; e Faramir assume como regente em Ithilien, casando-se com Éowyn de Rohan, estabelecendo novos vínculos entre os homens (p. 1025). Essa concepção de Felicidade é descrita com grande ênfase nos campos de Cor-

mallen. A Felicidade, a Iniância posta na crença em Eru, o Único, nos valar e nas virtudes ensinadas por eles é a expressão de Frodo, do choro de Sam e da alegria dos hobbits quando são saudados por todos os povos livres, depois da queda de Sauron. Enfim, é contada diante de todos, para a Felicidade extrema de Sam, a balada de Frodo dos Nove Dedos e do Anel da perdição (p. 1011).

Entre os hobbits, aquele que já é o corrompido é Gollum, que há quinhentos anos serve o Um Anel, escondendo-o e protegendo-o dos olhos ávidos de outros. É no condado que Gandalf avisa Frodo sobre seu parentesco com Gollum (p. 56). E aquele que se corrompe, no fim de tudo, é o próprio Frodo, pela imposição do Um Anel diante da Montanha da Perdição (p. 1002). Samwise Gamgi é o hobbit que resiste ao mal. Também Bilbo resiste, uma parte por ignorância e outra parte pela amizade e pelo respeito a Gandalf, e consegue entregar o Um Anel, mesmo que sob pressão (p. 34-35).

Posteriormente, em Valfenda, não se sabe se é Bilbo que se manifesta corrompido ou mesmo Frodo que o enxerga dessa maneira. De qualquer forma, é Bilbo que resiste e termina a tensão (p. 240). Por sua vez, Samwise também resiste ao Um Anel, mesmo que tentado em plena Mordor (p. 953), consegue vencer a tentação pelo amor a seu mestre e pelo senso simples de um hobbit, cuja ambição máxima é de um jardim e de trabalhar com as próprias mãos. O ponto máximo é a entrega do Um Anel para Frodo. Sam o entrega sem maiores problemas e sem hesitar, a única dor é a de Frodo reivindicando o Um Anel, e chama Sam, aquele que o salvou, de ladrão (p. 965).

Samwise tem que passar pela escuridão da Toca de Laracna, ser rejeitado por aquele que quer ajudar, reconhecendo seu dever e seu lugar. Aragorn e Faramir mantêm sua fé nos poderes do Oeste e continuam a tradição há muito estabelecida, acreditando em seus próprios desígnios. Gandalf, o Branco, o maiar Ólorin, se sacrifica por sua demanda, é enviado de volta para um novo sacrifício e conduz homens para seu derradeiro destino diante do portão negro.

Todos os que se mantêm íntegros diante da corrupção do mal conseguem manter seu Livre-Arbitrio aberto à Graça e à Felicidade, porque sua Iniância está posta em outro ponto além de suas concupiscências do Pecado Original. Seja por

acreditarem em suas virtudes, seja por acreditarem no Sumo Bem do Criador, seja por acreditarem em seus familiares, sua missão é de construir a Cidade de Deus, todos estão dispostos e conseguem oferecer-se em sacrifício, mesmo diante da morte mais atroz.

A união, a sinergia, entre Livre-Arbítrio e Graça, pela Iniância no Sumo Bem, em Deus, pela Providência e pelas virtudes são os fenômenos que explicam o sucesso da Cidade de Deus em *O senhor dos anéis*. Aqueles que foram predestinados cumprem sua missão e encontram a Felicidade à medida que exercitam suas virtudes.

Quanto ao Mal, Sauron se dissipa na névoa quando o Um Anel é derrubado e toda a Mordor se desfaz entre chamas e sombras. Os espectros do Anel caem como se fizessem parte da montanha em erupção. Gollum se lança na fornalha, porque sabe que é a única forma de manter o Um Anel, seu precioso (p.1003). Saruman também se dissipa quando seu corpo é morto pelo traidor Gríma Língua de Cobra, depois de terem tomado o Condado, poluindo e destruindo seus campos, e enfim são derrotados pelos hobbits. O espírito de Saruman, em forma de névoa, olha para o Oeste, como se tentasse uma esperança, mas sua forma é desfeita no vento. O Mal é o nada (p. 1080).

A expressão das três concupiscências diante da corrupção é adotada de forma explícita em *O senhor dos anéis* em relação aos humanos. Denethor enlouquece e promove a própria pira quando percebe que falhou e não consegue recomeçar em sua loucura (p. 904). Essa é a grande concupiscência de sua Iniância, a curiosidade que leva à loucura. Graças ao Palantír, Denethor não conseguiu se privar de ver as ações de Sauron, mesmo sabendo que não poderia enfrentá-lo e que não deveria conhecer as artes do inimigo, foi a concupiscência dos olhos (p. 906-907). Boromir consegue se redimir por fim, apesar de sua concupiscência do orgulho, no qual queria ser o grande general de Gondor lutando até a morte para salvar Pippin e Merry (p. 432).

O próprio Boca-de-Sauron é exemplo de corrupção. É um numenorianos negro, da mesma linhagem de Aragorn e Faramir, que se corrompeu e se afastou de sua linhagem apenas para servir Sauron em troca de posição em seu exército e de comando de seus servidores. Trocou a liberdade pela con-

cupiscência do orgulho (p. 940-941). Enquanto Gríma Língua de Cobra, conselheiro do rei de Rohan, se vendeu para Saruman, traindo seu Rei, seu povo e sua honra, em troca de possuir Éowyn, a sobrinha do Rei Théoden e donzela de Rohan. Essa foi sua ruína fundamental, em querer possuir uma donzela em troca da traição, a concupiscência da carne (p. 544).

Frodo, apesar de sua corrupção, vive um pouco até que não consegue mais ter uma vida serena, os ferimentos foram muitos e profundos, tanto física quanto espiritualmente, e então deve partir através dos Portos Cinzentos para além dos limites do mundo, para Valinor, que está fora do alcance de qualquer mortal (p. 1091). Por fim, Samwise Gamgi, ao retornar para casa e para seus filhos e esposa, senta-se em sua cadeira de forma solene, com sua família, e suspira os últimos momentos do último portador do Um Anel na Terra-Média¹⁵ (p.1092).

A grande trama da corrupção se reverte para o Bem. Na verdade, todas as ações do Mal se manifestam com parcialidade, sempre sujeitas a uma nova forma diante da ação do Bem. O Mal, apesar de sua escolha ser a de negar o Único, está sempre submisso aos desígnios da Providência e da virtude daqueles que almejam e aceitam a Graça.

REFERÊNCIAS

BARBER, D. K. The meaning of the lord of the rings. (1967) In: *The Tolkien Papers*. Mankato: Mankato State College Studies, 1967.

BISENIEKS, D. Reading and misreading Tolkien. In: *The Tolkien Papers*. Mankato: Mankato State College Studies, 1967.

¹⁵ Segundo os apêndices, Samwise Gamgi, depois de ter construído o Marco Ocidental, ter sido prefeito sete vezes do Condado e ter registrado o Livro vermelho do Marco Ocidental.

BLOCH, M. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BOEHNER, P.; GILSON, E. *História da filosofia cristã*. Petrópolis: Vozes, 2000.

CARPENTER, H. (Org.). *As cartas de J. R. R. Tolkien*. Curitiba: Arte e Letra, 2006.

CODA, P. Um carisma e uma obra de Deus. In: LUBICH, C. *Ideal e luz*. São Paulo: Brasiliense, Cidade Nova, 2003.

DAY, D. *A guide to Tolkien*. London: Chancellor Press, 2001.

_____. *O mundo de Tolkien – fontes mitológicas de O senhor dos anéis*. São Paulo: Arxjovem, 2004.

ECO, U. *O nome da rosa*. Rio de Janeiro: Record, 1986.

EVANS, G. R. *Agostinho sobre o mal*. São Paulo: Paulus, 2006.

HAMMOND, W.; SCULL, C. *J. R. R. Tolkien – Artists and Illustrator*. Boston: Houghton Mifflin Company, 2000.

KOCHER, P. *The fiction of J. R. R. Tolkien – Master of Middle-Earth*. New York: Ballantine Books, 1977.

KYRMSE, R. *Explicando Tolkien*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LE GOFF, J. *Para um novo conceito de Idade Média*. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.

MILLER, D. M. The moral universe of J. R. R. Tolkien. In: *The Tolkien Papers*. Mankato: Mankato State College Studies, 1967.

PIRSON, R. Intervenções divinas no universo de Tolkien. *Revista Concilium*, Petrópolis, n. 307, 2004

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Martin Claret, 2001.

REEVE, D.; RATELIFF, J. *Mapas da Terra-Média*. São Paulo: Devir, 2003.

SANTO AGOSTINHO. *O livre-arbítrio*. Braga: Editora da Faculdade de Filosofia, 1986.

_____. *A cidade de Deus – Parte I*. Petrópolis: Vozes, 1991.

SANTO AGOSTINHO. *A graça I – O Espírito e a letra – A natureza e a graça – A graça de Cristo e o pecado original*. São Paulo: Paulus, 1999.

_____. *A graça II – A graça e a liberdade – A correção e a graça – A predestinação dos santos – O dom da perseverança*. São Paulo: Paulus, 2002.

_____. *A verdadeira religião*. São Paulo: Paulus, 2002.

_____. *O livre-arbítrio*. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. *A cidade de Deus – Parte II*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2006.

SHIPPEY, T. J. R. R. *Tolkien – author of the century*. London: HarperCollins Publishers, 2000.

SMITH, M. E. *O senhor dos anéis e a Bíblia – sabedoria espiritual na obra de J. R. R. Tolkien*. São Paulo: Mundo Cristão, 2002.

TOKIEN, J. R. R. *The monsters and the critics and the other essays*. London: HarperCollins Publishers, 1997.

TOKIEN, J. R. R. *O senhor dos anéis*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *Contos inacabados*. São Paulo: Martins Fontes, 2002a.

_____. *Roverrandom*. São Paulo: Martins Fontes, 2002b.

_____. *Mestre Gil de Ham*. São Paulo: Martins Fontes, 2003a.

_____. *O Silmarillion*. São Paulo: Martins Fontes, 2003b.

_____. *O hobbit*. São Paulo: Martins Fontes, 2003c.

_____. *The lord of the rings*. London: HarperCollins Publishers, 2005.

_____. *Sobre histórias de fadas*. São Paulo: Conrad, 2006.